

Folkmídia: Comunicação Popular como alternativa de leitura não-linear no Curso de Jornalismo¹

Eliane Penha Mergulhão Dias²

Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)

Doutoranda em Comunicação Social

RESUMO

Este estudo está circunscrito em Folkcomunicação, com foco em Folkmídia, e tem por objetivo relatar uma experiência de emprego de tirinhas e charge de jornal, em sala de aula, na disciplina Leitura e Interpretação de Texto, no Curso de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo. De acordo com Marques de Melo (2005), por uma questão histórica, a mídia brasileira busca sobrevivência econômica junto aos mecanismos de atendimento às aspirações culturais das camadas populares. Por essa razão, a comunicação jornalística está permeada de elementos da cultura popular. Com relação ao ensino, nos cursos de jornalismo, a cultura popular torna-se forte aliada dos professores no sentido de formar cidadãos críticos, capazes de ler e interpretar textos e imagens que circulam diariamente na mídia.

Palavras-chave: charge; Folkmídia; Folkcomunicação; Jornalismo; tirinha.

Introdução

A partir da Revolução Industrial, com a necessidade de escolarizar o trabalhador, a escola passou a ser a instituição responsável pela produção e disseminação da cultura letrada. É através da leitura que o cidadão constrói seu “lugar social”, exercendo sua

¹ Trabalho apresentado à sessão de Temas Livres, no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Eliane Penha Mergulhão Dias, graduada em Letras (UNIVAP-SJC/SP), mestre em Linguística Aplicada (PUC-SP/SP), doutoranda em Comunicação Social (UMESP-SBC/SP), com ênfase em Folkmídia e Folkcomunicação. elianemergulhao@terra.com.br

crítica e formando assim conceitos que o levarão a fazer julgamentos, ou seja, discernir entre o bom e o mau, entre o certo e o errado, desenvolvendo ética e moral.

Segundo Marques de Mello (2005), a função social dos discursos circulantes é manter as ideologias, para alimentar ou renovar os paradigmas. Desse modo, os veículos são produzidos e postos em circulação para retroalimentar as redes de sentidos dos discursos produzidos em sociedade. Pode-se afirmar que o olhar do cidadão escolarizado é também a reprodução do olhar da escola que o formou.

De acordo com Marques de Mello (2005), a escola de Comunicação, principalmente na área do Jornalismo, passou a formar profissionais de serviço, com baixo potencial crítico. Esse processo, se por uma vertente conquista mais eleitores, por outra perde a capacidade de avaliação e de discriminação de ideologias e de crenças. Outro aspecto relevante é a questão do nivelamento descendente. Na gênese histórica do jornalismo brasileiro, havia espaços devotados à cultura erudita, privilegiando o leitor das camadas mais cultas da sociedade. Hoje, esses espaços inexistem.

Com as alterações sociais, políticas e principalmente econômicas por quais passa a sociedade, mormente a brasileira, a instituição escola, em seu propósito de formar cidadãos que dêem continuidade aos processos de produção e consumo, mesmo tendo sua origem no modelo burguês, já estabelece um direcionamento ideológico que favorece a exploração de recursos da comunicação popular e da *massmedia*, haja vista a profusa produção mediática posta à disposição dos leitores/espectadores, diariamente.

A instituição escola necessita com urgência lidar com a realidade, no sentido de formar leitores que consigam desvendar as redes de sentidos criados pelas mídias. Indo ao encontro dessa tendência, os professores de língua portuguesa (LP) estão encontrando em manifestações da comunicação popular fortes aliados no que diz respeito à tarefa de orientar o aluno para a interpretação de textos e de imagens, conjunto este que se apresenta como bom recurso para a formação de sentidos, para a compreensão do entorno cultural, e para o desenvolvimento de uma leitura crítica, no âmbito da realidade observável.

A experiência aqui apresentada ocorreu com alunos adultos que voltaram à escola após um período de descontinuidade dos estudos, em busca de instrumentalização de conhecimentos e de reconhecimento e habilitação profissional. Frente à demanda junto às frentes de trabalho, a universidade passa a ser requisitada como instituição formadora

de novos contingentes de produção, agora mais voltados às novas tecnologias. Portanto, o treino da leitura não-linear pode ser considerada conquista de um novo olhar no modo de ler e de interpretar textos e imagens.

Uma experiência de leitura não-linear

Este estudo relata, com embasamento em Comunicação Social, Folkcomunicação e Folkmídia, uma experiência de leitura de tirinhas e charge de jornal, na disciplina Leitura e Interpretação de Texto, no Curso de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo, em 2003.

A pesquisadora, como professora de Língua Portuguesa, sempre encontrou um complicador para o rendimento dos alunos de terceiro grau (qualquer que seja o curso), na disciplina que contempla leitura e interpretação e produção textual, isto é, a dificuldade de o aluno fazer a leitura dos textos e realizar inferências para a produção de sentidos. Sem essa habilidade, é quase impossível entender os textos lidos.

Para este estudo foram tomados os conceitos de vários pesquisadores (MARQUES DE MELLO, 1998; 2005; LUYTEN, 1988; CANCLINI, 1980). Um dos conceitos oportunos para a leitura que se pretende fazer aqui é o de “hibridização cultural”, proposto por Nestor García Canclini (1980), comentado por Mariana Mesquita (2000), esclarecendo as várias diferenças entre cultura popular, e cultura de massa, e contrapondo essas diferenças à cultura erudita; e propondo também que, mediante a multiplicidade de “formas de dizer” e modos de acesso, a cultura popular seja olhada com maior interesse por pesquisadores, pois ela vem se tornando a cada dia um interessante objeto de estudo.

Isso porque, a globalização permite ao homem moderno uma visão polissêmica do mundo, em que se encontram e fazem interface um sem-número de linguagens, sob o foco das mais variadas culturas. A capacidade de imbricação dessas culturas – a massiva e a popular – segundo Canclini, torna-se um processo de natureza política e ideológica em que se digladiam as diferentes classes sociais, havendo no entanto espaços em

branco nos quais se manifestam alguns representantes de grupos isolados e excluídos da “linha de produção cultural” do país.

Um exemplo da hibridização cultural pode ser encontrada hoje, sem esforço, na linguagem da propaganda, na linguagem jornalística, no segmento voltado ao entretenimento, como charge, tirinha, HQ, entre outras. Essas linguagens são utilizadas, sem pudor e com retorno garantido quanto aos resultados esperados, pois contêm músicas do cancionário popular, provérbios, ditos e expressões de crenças, das mais variadas origens culturais, com o intuito de aproximar a mensagem do receptor. Essa aproximação ocorre porque a mensagem que contém elementos da cultura popular não causa estranhamento no receptor.

Percurso metodológico de uma experiência de leitura não-linear

Para esta pesquisa foram selecionadas três conteúdos de aulas para a disciplina de leitura, interpretação e produção textual. Essas aulas são estruturadas em três etapas, compondo um processo progressivo de construção de conhecimento lingüístico e de análise de elementos da cultura popular brasileira.

A seguir serão descritos os passos metodológicos da experiência desde o primeiro momento até sua finalização, quando serão apresentadas as análises de contexto. As aulas são montadas propondo três momentos de trabalho, a saber:

- a) seleção da tirinha ou charge e preparação do texto enunciativo, com conteúdo concernente ao tópico da ementa da disciplina;
- b) leitura e discussão, em grupo, em sala de aula, para apreensão do texto e do contexto em que foi produzido;
- c) análise de texto e contexto e produção textual com os resultados da leitura (linear e não-linear), sendo uma análise gramatical estrutural e outra semântica e de construção de sentidos.

Vale ressaltar que, para a análise semântica, com vistas à construção de sentidos, são privilegiados aspectos sociais, históricos, políticos e culturais, levando-se em conta dados da cultura popular do ambiente analisado.

Aula 1

Selecionada a tirinha “Piratas do Tietê”, de Laerte, veiculada no livro Português: Língua e Literatura (2003, pág. 201), o texto enunciativo foi preparado focalizando “Colocação Pronominal”, com vistas à correção da escrita.



Fonte: Português: língua e literatura. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003, pág. 201.

Análise Textual

1) Fazer uma análise no contexto da tirinha sobre a diferença gramatical dos pronomes demonstrativos presentes no texto “aquela” e “essa”.

Análise Semântica

2) Fazer uma análise no contexto cultural brasileiro, implícito no texto, sobre a palavra “crendice” usada pela personagem Muketa, e enfatizada pelo pronome “outra”.

Aula 2

Para esta aula foi selecionada a tirinha “O cágado e o pássaro”, de Hart.A.C., veiculada no livro citado, pág. 206. O texto enunciativo focaliza figuras de linguagem, principalmente metáfora, ambigüidade e duplo sentido.



Fonte: Português: língua e literatura. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003, pág. 206.

Análise Textual

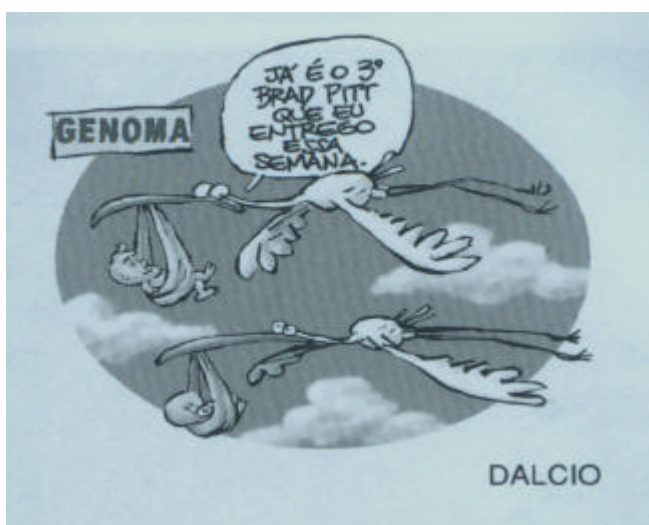
- 1) Fazer uma análise no contexto da tirinha, quanto ao aspecto gramatical, da expressão ovelha negra.

Análise Semântica

- 2) Fazer uma análise, no contexto cultural brasileiro, sobre a expressão “ovelha negra”. A seguir, fazer a contraposição entre “ovelha negra” e “pastor”, inserindo o sentido da palavra “atéia”. Explorar os sentidos denotativo e conotativo em todas as possibilidades.

Aula 3

Para essa aula foi escolhida a charge Genoma, de Dalcio (pág. 285), para a discussão dos aspectos explícitos e implícitos no texto, e emprego de expressões que substituem outras, num processo de eufemização dos sentidos da frase.



Fonte: Português: língua e literatura. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2003, pág. 285.

Questões propostas para trabalhar os sentidos da leitura da charge.

- 1) Para a compreensão do significado de uma charge é fundamental identificar o contexto em que ela foi produzida. Qual o contexto a que se refere a imagem apresentada?
- 2) Na crítica que o desenhista faz em sua charge há uma suposição sobre o comportamento dos “futuros pais”. Que crítica é essa e a partir de qual fator ela é elaborada?
- 3) Ainda com base na “leitura” que foi feita da imagem, explique que elementos da charge possibilitaram sua resposta à questão anterior.

Alguns sentidos apreendidos a partir das leituras linear e não-linear

Na aula 1, o conteúdo da tirinha decorre de uma crença popular que diz que não se deve apontar estrelas, pois nascerão verrugas nos dedos de quem o fizer. Na análise gramatical, que focaliza os elementos textuais, os pronomes demonstrativos deixam em evidência as diferenças de distância geográfica entre o observador e o objeto observado: aquela (que está longe) e essa (que está perto).

Cabe a observação de que o autor da tirinha empregou o pronome “essa” no lugar de “esta”, que numa primeira análise ficaria melhor colocada, já que o objeto observado está bem próximo do observador. Porém, vale ressaltar que o pronome “essa” foi empregado como recurso de construção de sentido para provocar o humor, ou seja, é empregado para demonstrar que o sujeito que fala não sabe a razão daquela verruga ali no seu dedo. Emprega-se o **essa** para perto quando o objeto observado é desconhecido.

Numa análise textual, quando Muketa afirma que a verruga no dedo é apenas “outra” crendice, este pronome faz contraponto com o pronome “uma” (não explícito no texto), que, implicitamente, estaria presente na frase «Há **uma** crendice que afirma que nascerá uma verruga no dedo daquele que apontar estrelas.»

Vale ressaltar a forma um tanto ambígua com que o autor trata o tema: ao mesmo tempo que refuta a crença (na fala de uma das personagens), confirma-a através de evidência e da fala da outra personagem, ainda que em tom irônico.

Na aula 2, o texto aparece sem marcas (aspas) nas expressões-chave que vão entrar na construção dos vários sentidos, inclusive o humor, nas leituras que podem ser feitas. Primeiramente, a expressão “ovelha negra” pode ser empregada denotativamente como uma ovelha de cor negra, que se sobressai no rebanho, cuja cor predominante é clara (branco amarelado típico da lã ovina).

No entanto, ao agregar a palavra “atéia”, de valor cultural avaliativo, a expressão “ovelha negra” passa a ter aspecto conotativo, ou seja, passa a referir metaforicamente uma pessoa que está separada dos demais membros do grupo social a que (quase) pertence. Aqui, podem ser feitas duas inferências de cunho popular decorrentes de crenças vigentes.

A primeira crença diz respeito à aparência, cuja normalidade estaria em “parecer” igual, pois – entre tantas ovelhas brancas – uma ovelha negra é destoante. A segunda crença diz respeito à ideologia da coesão social que, por meio da religião, promove a harmonização dos grupos sociais. Neste caso, a maioria passa a ser a medida-padrão. Assim, entre crentes, o ateu passa a ser aberração e precisa ser “resgatado”.

No sentido conotativo, uma “ovelha negra atéia” deve ser alguém que não está seguindo as normas do grupo majoritário. Logo, essa ovelha precisa ser entregue ao pastor, ou seja, precisa ser “enquadrada” no sistema. Como contraponto de “ovelha” ocorre a palavra “pastor” (aquele que cuida das ovelhas), e essa é a metáfora que favorece a construção de duplo sentido, provocando o senso de humor. Nessa análise, pode-se citar que, comumente, o padre católico também é chamado de pastor de ovelhas desgarradas (descrentes), enquanto os crentes são as ovelhas do rebanho.

Nessa tirinha, como pode-se observar, o terceiro balão da tirinha apresenta uma escrita coloquial. Nesse caso, o professor de LP tem mais um aspecto para discutir e enfatizar junto aos alunos, levando-os a considerar os níveis de linguagem e a adequação do vocabulário segundo a posição social do receptor e o contexto da comunicação, aspectos de alta importância na formação básica de um profissional de jornalismo.

Para apreender os vários sentidos possíveis na interpretação da charge, no contexto da aula 3, a discussão dos grupos se deu mediante o conhecimento prévio do contexto mundial, no qual estavam sendo veiculadas na mídia notícias sobre o Projeto Genoma. Várias inferências foram feitas, situando cada grupo no contexto das variadas notícias, para depois focalizarem o tema no contexto da charge apresentada. Como foram feitas perguntas objetivas para essa análise, seguem comentários sobre os aspectos explícitos e implícitos.

A primeira questão tem como resposta que o contexto a que se refere a charge é o atual momento de avanços científicos na área da genética, os quais possibilitariam a “encomenda” de bebês com características previamente estabelecidas por seus pais.

A segunda questão pode ser respondida levando-se em conta que o desenhista está criticando o modelo “linha de montagem” de bebês com certificado de qualidade. Essa crítica, portanto, decorre da evidência que, na sociedade atual, os pais poderiam optar pela “encomenda” de bebês que atendessem ao padrão vigente de beleza.

A charge oferece múltiplas leituras exatamente por conter elementos da cultura popular e remeter ao imaginário do grupo social em que se manifesta. Aqui, a utilização da figura da cegonha lembra a frase popular, no discurso implícito, que substitui o verbo “engravidar” pela expressão “encomendar à cegonha”.

Outra leitura possível é quanto à fala da cegonha, que remete a uma crítica de caráter social, podendo ser comparada à de um trabalhador assalariado comum, aquele que já perdeu seu símbolo de importância cultural. Sua ‘reclamação’ quanto ao “modelo” de uma encomenda tanto remete à crítica da cópia do padrão de beleza (do ator norte-americano), quanto infere que a repetição leva à banalização, ao empobrecimento.

A palavra Genoma, no canto superior esquerdo da charge circunscreve um universo de fatos e outro de suposições. À medida que as técnicas de manipulação genética evoluem, a sociedade atual, de forte orientação consumista, elabora projetos nos quais seria imprescindível empregar tais conhecimentos, usufruindo dos avanços da ciência, como é o caso de manipular geneticamente a aparência física dos filhos.

A análise da charge, por estar em um contexto mais objetivo, suscitou mais discussões e possibilitou o entendimento das críticas que os cartunistas fazem em seus trabalhos.

Discussões acerca da leitura não-linear

A partir dos estudos da História da Comunicação, Innis (1952) viu um confronto entre os meios de comunicação orais e visuais. As primeiras culturas humanas comunicavam pela palavra oral, que implicava contato pessoal, consenso social e uma maior intensidade nas relações humanas. A oralidade exigia o uso dos sentidos, na medida em que a comunicação pessoal também vivia da mensagem tátil e visual.

O aparecimento da escrita veio pôr fim a esse equilíbrio e impor o domínio da comunicação visual, o domínio do olho, no dizer de Innis. «*O efeito desastroso do monopólio da comunicação baseada no olho levou ao desenvolvimento de uma comunicação baseada no ouvido, através do rádio e da introdução do som no cinema e na televisão.*» (SANTOS, s/d)

Como uma espécie de continuador das idéias de Innis, Marshal McLuhan postulou que a cultura está novamente mudando de eixo. Para McLuhan, «*os meios eletrônicos de comunicação, mais especificamente o rádio e a televisão, permitem a recuperação do paraíso perdido, ao viabilizar a retribalização*». (idem, ibidem)

Afirmava ele que a lógica linear, nascida com o livro, e que perdurou por vários séculos, estava com os dias contados frente à não-linearidade das leituras feitas nos meios virtuais e mesmo nos meios impressos polissêmicos, como é o caso da tirinha e da charge.

Discussões à parte sobre quem tem razão, o fato que se pode levantar é que essa experiência de leitura polissêmica – que recebeu a classificação de não-linear – favoreceu várias discussões, permitindo o diálogo dos alunos de jornalismo com os vários discursos implícitos nas mensagens de cartum, os quais muitas vezes passam despercebidos numa leitura de jornal.

Considerações

Ao completar as discussões sobre a prática da leitura das mensagens que povoam os sentidos do homem pós-moderno, faz-se necessário considerar que a sociedade atual está assentada sobre valores fragmentados que a custo são mantidos em vigência por curtos lapsos temporais por um sistema de trocas, nas quais é relevante a contribuição das imagens. Como afirmam vários pesquisadores e estudiosos das comunicações, o espaço cotidiano está mediatizado. Não mais é possível pensar a realidade pós-moderna sem as imagens. (SANTOS, s/d)

Umberto Eco é defensor da leitura não-linear dos textos midiáticos, afirmando que, se a escrita é exercício de codificação, a leitura é a arte da decodificação. A partir do momento em que o homem pós-moderno consegue decodificar mais textos, quaisquer que sejam eles, maior possibilidade terá de ler o mundo e a si mesmo, atividade inerente ao viver, desde o início de história da formação das sociedades humanas.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. L.; PONTARA, M. N.; FADEL, T. **Português: língua e literatura**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2003.

LUYTEN, J. M. **Sistemas de comunicação popular**. São Paulo: Ática, 1988.

MARQUES DE MELO, J. **Midiologia para iniciantes: uma viagem coloquial ao planeta mídia**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

_____. **Teoria da comunicação: paradigmas latino-americanos**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

MESQUITA, M. “Folkcomunicação e hibridização cultural: interação de aportes para pensar culturas populares”. Artigo, 2000.

SANTOS, J. R. **Comunicação**. Portugal: Editora Difusão Cultural, s/d. (texto parcial xerocopiado).

SANTOS, J. R. “A escola Canadiana”. In: SANTOS, J. R. **Comunicação**. Portugal: Editora Difusão Cultural, s/d. (texto parcial xerocopiado).